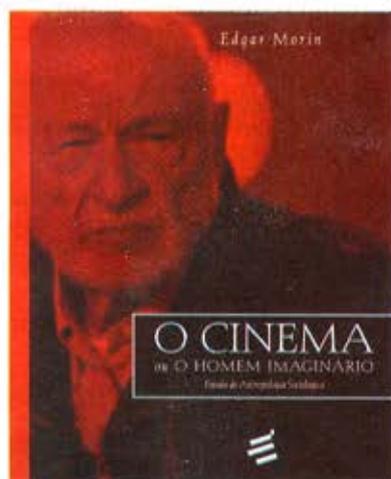


# Literatura, cinema e imaginário

## LITERATURA



### *O cinema ou o homem imaginário*

Autor: Edgar Morin

Tradutor: Luciano Loprete

Editora: É Realizações

288 págs.

Atribui-se, com fundamentação consistente, à literatura, dentre outros papéis, o de exercitar o imaginário. Também, dependendo da leitura e do texto a ser lido, um verdadeiro exercício de pensamento. Dentre outros motivos, porque a literatura trabalha, especialmente, com o ausente. Quando lemos um livro, acima de qualquer suspeita, nossa introspecção é potencializada por aquilo que imaginamos. Projetamos. Exercício permanente de reflexão. Uma forma de leitura, diga-se de passagem, cada vez mais rara diante dos desafios impostos por uma contemporaneidade que se exercita em subtrair todas as formas efetivas de subjetividade até hoje conhecidas. Na verdade, a literatura

luta, incansavelmente, com outras formas de leitura. E essa luta, na maioria das vezes, se mostra desleal. Perversa. Indecente.

A literatura vive de imagens. No entanto, de imagens construídas por meio de uma subjetividade que deve ser alimentada por uma objetividade prática. E tal processo é complexo e exige tempo. Isolamento. Talvez, silêncio. Mesclas de estratos subjetivos.

*O cinema ou o homem imaginário*, de Edgar Morin, foi lançado, recentemente, no Brasil. Esta obra, simplesmente fascinante e digna de ser lida e relida, não se reduz, apenas, a um ensaio. Possui três dimensões que devem ser trabalhadas e investigadas. A primeira dimensão seria em nível de conteúdo, ou seja, Edgar Morin, ao longo de toda a obra, traz de maneira leve e ensaística a passagem do cinematógrafo para o cinema. Temos, então, uma história do cinema. E como não poderia ser diferente, ele fala da força e do poder das imagens. Em que medida a fotografia congela e fixa um momento, eternizando-o. O cinema coloca as imagens em pleno movimento. Edgar Morin reflete, inclusive, a importância da música como presença num filme. Aqui temos que pensar: o cinema, diferentemente da literatura, opera com as imagens. Sobrepostas. Em planos. Movimentação. Muito diferente da literatura, conforme foi exposto no início deste texto. O cinema exige uma relação humana bastante dis-

tinta da relação leitor/obra literária.

A segunda dimensão e, talvez, a mais importante deste belo livro está na estrutura em si. Na linguagem propriamente usada por Morin. Uma literatura singular. Comparável, somente, aos grandes escritores, como comprova o seguinte trecho: "Historicamente, a magia é primeiro estágio, a primeira visão, cronologicamente, da infância, ou da humanidade em sua infância, e, numa certa medida, do cinema: tudo sempre começa pela alienação (...) Certamente as regressões psicológicas (neuroses individuais e coletivas) nunca deixam de ressuscitar a antiga magia. Mas, no essencial, o duplo se desmaterializa, encolhe, desfaz-se, interioriza-se, aloja-se no coração ou no cérebro: torna-se alma. Os objetos animistas se tornam objetos carregados de alma. A magia não é mais crença tomada ao pé da letra, torna-se emoção. A consciência racional e objetiva faz recuar a magia até seu antro. Ao mesmo tempo, hipertrofia-se a vida 'interior' e afetiva. O degelo da magia libera enormes fluxos de afetividade numa inundação subjetiva". E assim, por quase todo o livro, temos a predominância de uma linguagem extremamente carregada de poeticidade. Edgar Morin, certamente, escreveu este livro com alma. E emoção.

E a terceira dimensão deste livro, que devemos destacar, está no verdadeiro exercício a respeito

da subjetividade. Um ensaio a respeito de subjetividade que também pode ser equivalente à leitura de uma obra romanesca de mais alto grau, no que se refere à densidade psicológica.

Edgar Morin não cessa de indagar e ao mesmo tempo responder as relações entre o espectador de um filme e a subjetividade. Remete, em diversos momentos do livro, à relação de uma subjetividade com a alma, que define como um espaço movediço, entre outras coisas. Mostra o quanto a subjetividade, em sua intensidade, se mostra presente, em particular, quando as imagens do cinema nos remetem a uma identificação do que vemos na tela. Justifica-se dizendo que os fenômenos das imagens cinematográficas devem ser avaliados em sua amplitude e alcance. Na verdade,

num longo exercício entre objetividade e subjetividade.

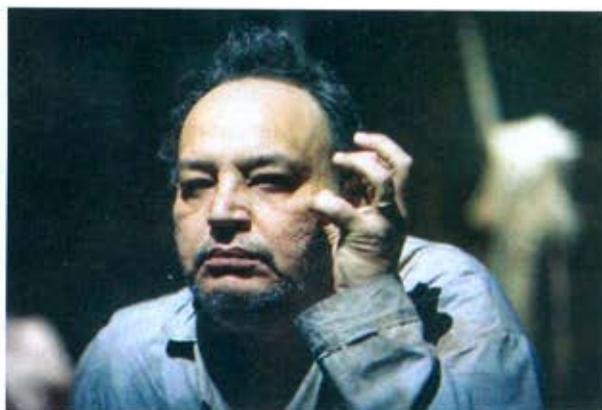
Finalmente, conclui-se facilmente que o livro de Morin deve ser lido à luz de um belo ensaio a respeito do cinema, da antropologia, da literatura. Um livro que busca, intencionalmente ou não, as raízes possíveis onde o imaginário existencial não cessa de explodir. O cinema e a literatura potencializados naquilo que faz que o homem deva se lembrar: não abandonar, jamais, instantes que podem ser facilmente alongados sempre que fazemos uma bela leitura. E como tal, jamais ceder à crescente subtração contextual de nossa caríssima temporalidade em todas as esferas. Temporalidade ameaçada, de maneira constante, pelo sistema ordinário que nos cerca. As palavras de ordem em tempos de incertezas que martirizam: Ao cinema! Às leituras! (A. M. H. B.)



ANA MARIA HADDAD BAPTISTA (A.M.H.B.) É MESTRA E DOUTORA EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA. PÓS-DOUTORA EM HISTÓRIA DA CIÊNCIA. PESQUISADORA E PROFESSORA DA UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO. ESCREVE SOBRE LITERATURA NESTAS PÁGINAS

## As profundezas de Dostoiévski

O ator Cacá Carvalho (foto) é dono de uma trajetória incomum, um percurso de vida artística único. Teatro, cinema, TV, tudo fez ou faz parte de seu cotidiano. No entanto, o que mais o interessa verdadeiramente é perscrutar o homem e sua crise em viver, esse é o centro da questão para ele. Por isso, Cacá resolveu encarar o desafio e



se debruçar no texto *Memórias do Subsolo*, escrito por Fiódor Dostoiévski, que está sendo encenado no Sesc Santo Amaro, em São Paulo. O nome do espetáculo é  $2 \times 2 = 5$  *O Homem do Subsolo*.

Em cena, um homem que, depois de passar a vida à procura de um pensamento consciente, aprofundou-se no subsolo de si mesmo. Ali, a luz da consciência transformou-se

em escuro, transformou-se naquilo que de mais terrível possuímos. Ali, está um homem cínico, um homem amargurado, um homem sem hipocrisias que gira, fazendo piadas sobre si mesmo. O que vemos é um espetáculo-confissão, que não deixa espaço para a hipocrisia. O personagem de Dostoiévski é um homem amoral, que mergulha nas profundezas para encontrar o sagrado.

Há exatos 21 anos, Cacá Carvalho estreava seu primeiro Pirandello: *O Homem com a Flor na Boca* (1994). Depois vieram *A Poltrona Escura* (2004) e *Um Nenhum Cem Mil* (2011). Portanto, Pirandello sempre foi um autor que o motivou em suas digressões artísticas e filosóficas do fazer teatral. Agora, com Dostoiévski, Cacá colocou em cena todo o universo subterrâneo de um homem que abandona o convívio social e tem como bem precioso (e também seu sofrimento) a consciência do significado de estar aqui, entre os vivos, entre os seres humanos.

O espetáculo fica em cartaz até 25 de abril, às quintas e sextas, às 21 horas, e sábados, às 20 horas, no Sesc Santo Amaro, à Rua Amador Bueno, 505, Santo Amaro, São Paulo. O telefone é (11) 5541-4000.

